



UMA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DOS MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA: “LÁ, NA TERRA DESSA PESSOA, É NORMAL FALAR ASSIM”

A CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS OF THE MODES OF OPERATION OF IDEOLOGY: “THERE, IN THAT PERSON’S LAND, IT IS NORMAL TO SPEAK LIKE THIS”

Aluiza Alves de ARAÚJO¹

Thais Abreu de OLIVEIRA²

Suyanne Pinheiro CAMPELO³

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral investigar os discursos intolerantes realizados contra a participante paraibana, Juliette Freire, no *reality show* Big Brother da versão brasileira, durante a sua 21ª edição. Esses discursos negativos partiram da participante Karol Conká, levando-nos a refletir sobre a forma de ação e as ideologias construídas. Assim, buscamos descrever como se estabelece a relação entre o discurso de ódio e o preconceito linguístico. Como fundamentação teórica, seguimos o campo da Análise de Discurso Crítico, para o debate sobre aspectos simbólicos que orientam as práticas sociais, particularmente com os estudos sobre o preconceito linguístico (Bagno, 2007, 2012) e o discurso de ódio (Araújo; Freitas, 2022). De acordo com a metodologia, este artigo assume características de uma pesquisa qualitativa e emprega como método os modos de operação da ideologia (Thompson, 2011). O nosso *corpus* é formado por dois discursos da participante Karol Conká, vinculados

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Universidade Estadual do Ceará. *E-mail*: aluiza.araujo@uece.br.

² Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará. *E-mail*: thais.abreu@aluno.uece.br.

³ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Secretaria Municipal de Fortaleza. *E-mail*: suyanne.pinheiro@aluno.uece.br.



ao site iG Gente, trazendo a percepção dos efeitos desses discursos para a sociedade. Os resultados apontam para discursos repletos de preconceito linguístico e discurso de ódio.

PALAVRAS-CHAVE

Ideologia. Discurso de ódio. Preconceito linguístico. Nordeste.

ABSTRACT

This study aims to investigate the intolerant discourses directed towards the participant from Paraíba, Juliette Freire, on the Brazilian version of the reality show Big Brother during its 21st edition. These negative discourses originated from the participant Karol Conká, leading us to reflect on the mode of action and the constructed ideologies. Thus, we seek to describe how the relationship between hate speech and linguistic prejudice is established. Theoretical foundation follows the field of Critical Discourse Analysis, for the discussion of symbolic aspects guiding social practices, particularly with studies on linguistic prejudice (Bagno, 2007, 2012) and hate speech (Araújo; Freitas, 2022). According to the methodology, this article assumes characteristics of qualitative research and employs as a method the modes of operation of ideology (Thompson, 2011). Our *corpus* consists of two discourses by participant Karol Conká, linked to the iG Gente website, bringing the perception of the effects of these discourses on society. The results point to discourses full of linguistic prejudice and hate speech.

KEYWORDS

Ideology. Hate speech. Linguistic prejudice. Northeast.

INTRODUÇÃO

Em 25 de janeiro de 2021, estreava a vigésima primeira temporada do *reality show* Big Brother Brasil (BBB), que contou com 20 participantes, unindo um grupo formado por anônimos a outro grupo, com participantes famosos. O cenário brasileiro se constituía pelo segundo ano de pandemia da Covid-19, marcado por uma violenta segunda onda de contaminação e pela esperança da chegada das vacinas. Assim, nesse ano, a população



passava por medidas restritivas. As atividades presenciais, em alguns setores, ainda não tinham se normalizado e as famílias procuravam evitar o encontro com outros parentes.

Diante dessa conjuntura, a população brasileira pôde acompanhar a transmissão do programa, exibido diariamente, que contou com 98 episódios e com 100 dias de confinamento dos participantes, vindo as principais informações e os acontecimentos que foram surgindo e sendo alvo de discussões frequentes nas redes sociais. Assim, alguns discursos, principalmente para uma candidata nordestina, foram deixando marcas e reflexões sobre o que seria xenofobia e como o preconceito linguístico e a cultura da intolerância se manifestaram ideologicamente.

Natural de Campina Grande, na Paraíba, Juliette Freire Feitosa⁴ é cantora, *influencer*, empresária e advogada brasileira. Ficou conhecida pela sua participação na vigésima primeira edição do Big Brother Brasil em 2021, da qual foi a vencedora. De origem humilde, durante a infância, ajudava sua mãe no salão de beleza e na igreja evangélica. Nos cultos, interessava-se pelo canto, interpretando canções *gospel*. Devido à dificuldade financeira, não pôde continuar em uma carreira musical, posteriormente, ingressou no curso de Direito na Universidade Federal da Paraíba, graduando-se em 2017.

Em 2021, Juliette foi escolhida para participar do BBB 21, fazendo parte do grupo “pipoca”, voltado aos candidatos anônimos que se inscreveram. Sua participação logo chamou a atenção do público por ser excluída e rejeitada pela grande maioria dos participantes. O perfil de oprimida fez com que ela ganhasse o apoio do público e se transformasse em um

⁴ Informações biográficas retiradas do site de entretenimento UOL. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/juliette>. Acesso em: 25 jun. 2023.



sucesso por sua empatia, personalidade forte e valorização das suas características do Nordeste. Após sua saída do programa, fez questão de falar sobre o preconceito contra o nordestino e de divulgar o orgulho sobre sua origem, seu sotaque, sua cultura e seus costumes, por isso, recebeu vários prêmios e homenagens.

A respeito desse preconceito, principalmente o linguístico, é de extrema importância observá-lo nos estudos em Linguística Aplicada (LA), que se preocupa com a manifestação da língua externa, da língua em uso, contextualizada. A LA avança como uma (in)disciplina, sem limites rígidos, híbrida e heterogênea (Moita Lopes, 2006). Logo, à medida que o ser humano constrói seu conhecimento, considera a visão do outro e inclui também o alternativo, no sentido de algo independente das tendências dominantes.

Sobre a língua portuguesa no Brasil, desde o século XVI até o século XXI, pode-se dizer que ela vem passando por diversas modificações. A exemplo, as línguas indígenas de África geral fizeram parte de nossa história e cultura. Assim, um país tão extenso, que foi povoado heterogeneamente, não haveria de ter uma língua homogênea. Dessa forma, há fonologias, morfologias e sintaxes próprias de cada lugar. Os falares do Sudeste são diferentes dos do Nordeste e de outras regiões, e isso faz parte da variação linguística (Labov, 1972).

Com isso, o preconceito linguístico é um fenômeno que tem levantado diversas investigações sociolinguísticas em todo país. Isso ocorre pela necessidade de compreendermos como ocorre a construção de estereótipos negativos em relação a quem é do Nordeste, além de tentarmos explicar a ligação direta entre sociedade e discurso, sobretudo em relação ao poder



e à dominação. Além disso, este trabalho se faz importante por preencher uma lacuna nos estudos de Análise Crítica do Discurso.

Na Sociolinguística Variacionista, discorreremos sobre preconceito linguístico, à luz de Marcos Bagno (2007, 2012), apresentando língua e cultura como um binômio indissociável. Araújo e Freitas (2022) abordam que a construção do discurso do ódio decorre de várias facetas e que é necessário focar no discurso xenofóbico, para compreender como esse vem se fortalecendo e se propagando nas redes sociais. Outros trabalhos já caracterizaram comentários nas redes sociais (Santos, 2020; Freitas, 2022; Thomazelli, 2023), porém partindo de outras abordagens e não contemplando discursos de quando a ex-participante do BBB, Juliette, ainda estava confinada no programa.

O objetivo deste artigo é analisar, através dos modos de operação da ideologia (Thompson, 2011), os discursos negativos feitos à Juliette por outra participante durante o programa em 2021. Procuramos descrever como se estabelecem os discursos de ódio e o preconceito linguístico em relação ao sotaque de uma pessoa do Nordeste.

Em síntese, este artigo está dividido em cinco seções. Além desta primeira parte introdutória, discutimos, na segunda e terceira seções, sobre Preconceito linguístico e discurso de ódio e Ideologias, respectivamente. Na quarta seção, realizamos a análise de dois discursos feitos à Juliette conforme as discussões teóricas inicialmente tecidas. Na parte final, trazemos algumas considerações em relação às análises empreendidas.

A seguir, discutiremos sobre preconceito linguístico, a partir de Bagno (2007, 2012), e discurso de ódio, a partir de Araújo e Freitas (2022), apresentando língua e cultura como um binômio indissociável.



PRECONCEITO LINGUÍSTICO E DISCURSO DE ÓDIO

Assim como toda e qualquer língua, a língua portuguesa possui diversas variações nos campos fonético, morfológico, sintático e semântico. Com isso, há pessoas que não aceitam determinadas variedades, considerando-as “erradas” e colocando outras como “certas”. A língua “está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição, em permanente transformação” (Bagno, 2007, p. 117). Desse modo, a língua deveria ser vista positivamente como heterogênea, porém podemos falar que há práticas sociais preconceituosas, ligadas não só à língua, mas ao social, que só enaltecem a norma “cultura” que a “encurta” e que essas não iniciaram hoje, em pleno século XXI.

Consoante Caldeira (2000), em meados do século XX, o Brasil, que antes era bastante rural, foi cada vez mais se urbanizando e houve a universalização das escolas, permitindo, assim, a interação entre falantes de diversas regiões e o acesso à norma culta. Ao mesmo tempo, no país, as regiões Sudeste e Sul eram as mais tecnológicas e ricas, atraindo mão de obra de outras regiões, de pessoas que queriam mudar de vida. O fluxo de moradores de vários estados do Nordeste, que enfrentavam a fome e a seca, foi intenso. Assim, práticas discursivas repletas de intolerância, de preconceitos e xenofóbicas contra esse novo público começaram a aparecer, a se fortalecer e a se perpetuar até hoje.

Muitas vezes, um mesmo fenômeno linguístico, por exemplo, a palatalização, é realizada no Sudeste (ex.: [ʃ]i[ʃ]ia) sendo considerada “normal” pelos falantes, mas, quando ocorre no Nordeste (ex.: oi[ʃ]o), os falantes do Sudeste acham engraçado, ridículo ou errado. Como afirma



Bagno (2002, p. 45), “o que está em jogo não é a língua, mas a pessoa que fala a língua e a região geográfica onde essa pessoa vive”.

As imagens construídas e tecidas sobre a região Nordeste começaram a ser concebidas, de acordo com o discurso regionalista, já na segunda metade do século XIX, como sendo um lugar problemático. A propagação dessa ideia foi da elite nordestina, sedimentando a imagem sobre o Nordeste como um lugar de crise e de necessidades paliativas devido à seca. Isso demonstra que a imagem que se construiu do Nordeste e do nordestino são produtos de relações de poder.

A linguagem teve um papel de destaque na construção das imagens que se formaram do Nordeste. A literatura apareceu como um espaço de fomento das imagens estereotipadas. *Os Sertões*⁵, de Euclides da Cunha (1902), os diálogos no romance *O quinze*⁶, de Rachel de Queiroz (1930), e outros autores trazem, em suas obras, o caráter simples, rústico da vida e a violência sofrida pelo sertanejo. Enfim, a seca nasce na literatura como aquele fenômeno causador de transformações radicais. Conforme Albuquerque Jr. (2009), a imagem do Nordeste passa a ser representada sempre a partir da seca e do deserto, ignorando as outras áreas úmidas existentes pelo território. No entanto, o Nordeste também é um espaço e um movimento de resistência. Assim, podemos observar que o poder e a linguagem estão diretamente articulados.

⁵ *Os Sertões* é um livro do escritor e jornalista brasileiro Euclides da Cunha, publicado em 1902. É considerado como o primeiro livro-reportagem brasileiro. Trata da Guerra de Canudos, ocorrida em Canudos, município do interior da Bahia.

⁶ *O Quinze* é o primeiro e mais popular romance de Rachel de Queiroz, publicado em 1930. O título se refere à grande seca de 1915, vivida pela escritora em sua infância.



Tamanini e Silva (2019) destacam o Nordeste como uma região composta por múltiplas expressões e práticas culturais específicas e singulares, próprias de um território caracterizado pelos estigmas causados pela natureza e pelas ações (des)humanas. Contudo, é uma região de referência, identidades, atributos culturais, que necessitam ser redescobertos em sua essência, sem preconceitos e estereótipos.

Dessa forma, a identidade nacional ou regional foi sendo construída a partir de práticas discursivas e de imagens produzidas por grupos de uma realidade muito complexa e múltipla, pois, afinal, temos vários Nordeste. As imagens cristalizadas sobre os discursos da seca ou indústria da seca acabam acentuando como uma verdade, presente atualmente. Conseqüentemente, o poder que está inserido no discurso na sociedade contemporânea é ampliado, utilizando massivamente as diferentes modalidades de linguagem, como o discurso midiático que alcança grandes proporções de audiência.

Logo, fica cada vez mais evidente a prática da intolerância em relação ao habitante do Nordeste e às pluralidades linguísticas presentes no dia a dia, que se multiplicam com o acesso às redes sociais digitais. Com a recontextualização sobre o preconceito linguístico e o discurso regionalista que veio constituindo a concepção de Nordeste, observamos que a construção discursiva do ódio sobre o sotaque nordestino vem se intensificando, sofrendo constantes ataques nas mídias. A confirmação maior são discursos xenofóbicos em um programa de televisão de visibilidade nacional, como o Big Brother na versão brasileira, durante a vigésima primeira edição no ano de 2021, em que os telespectadores puderam acompanhar o percurso de ódio que foi estabelecido contra uma participante paraibana.



Atualmente há “a distribuição de narrativas alternativas aos discursos veiculados nas mídias tradicionais de massa, como a grande imprensa e os canais de televisão” (Beilguelman, 2019, p. 67 *apud* Ribeiro, 2023, p. 50). Dessa forma, os usuários das mídias sociais precisam ser capazes de perceber as relações de poder que estruturam a sociedade (dentro e fora das digitalidades) e de refletir sobre os processos de inclusão e exclusão. Podemos afirmar, então, que o BBB 21 foi um espaço que apresentou práticas discursivas xenofóbicas que se constituem na realidade.

Falamos, neste artigo, sobre sotaque, visto que as diferenças e pluralidades linguísticas mais perceptíveis são as do nível fonético. As pronúncias de “r”, “s”, vogais e outras reforçam o preconceito social (que muitas vezes é mascarado) e linguístico. Desse modo, tentar neutralizar ou alterar um sotaque (para o modo de falar não se sobressair à informação que será transmitida na mídia, ou para se sentir bem ouvindo uma fala igual/parecida com a do próprio falante) é anular o que ele representa, o caráter da língua, suas bases históricas e culturais, além de anular as características particulares de seus falantes.

O discurso de ódio é uma maneira de pensar, falar e agir socialmente, instigando a violência entre diferentes grupos. É justamente a diferença que dá origem à discriminação, seja por raça, cor, religião, orientação sexual, deficiência, classe etc. Por infringir o respeito à diversidade humana e à pluralidade, o preconceito acaba ferindo a liberdade e os direitos propagados, por isso é considerado crime aqui no Brasil. De acordo com Silva (2011), a escolha desse tipo de discurso não se limita a atingir apenas os direitos essenciais de indivíduos, mas de todo um grupo social.



Portanto, podemos refletir sobre a atual percepção no que diz respeito a quem é do Nordeste, que continua sendo alvo do discurso de um indivíduo indesejado, um pobre coitado, pertencente a um grupo social minoritário, que necessita da ajuda de outros para sobreviver. De acordo com Araújo e Freitas (2022), a composição discursiva do ódio apresenta diversos aspectos e está articulada ao contexto social, político, econômico e cultural, pois refere-se a uma disputa de caráter ideológico e hegemônico com o intuito de destruir diferentes grupos considerados inferiores.

Sabemos que não há apenas uma forma “correta” de dizer algo e, quando isso ocorre, causa a exclusão social. Frequentemente, as pessoas manipulam seu repertório por razões sociais e pessoais. O Brasil é um país bastante extenso e suas regiões possuem histórias e culturas das mais diversas. Consequentemente essa pluralidade social está intrínseca na língua, fazendo com que cada um de seus habitantes tenha diferentes usos da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

Com relação à fala, desde 1950, com a grande proporção da cultura midiática, os sotaques brasileiros têm sido muito questionados, e a neutralização de alguns aparece nas mídias como uma tentativa de homogeneização. O sotaque se refere a um modo de pronúncia que é constituído nas interações sociais, na cultura popular, na linguagem do dia a dia e em outros contextos profissionais (Giles, 1973, p. 71 *apud* Thomazelli, 2023, p. 16).

Com isso, como afirma Bagno (2012), se é impossível falar de isolamento humano, por conseguinte, também é impossível falar de isolamento linguístico. Logo, como a história brasileira é marcada por intensas migrações (internas e externas), originando várias culturas, línguas e aparências físicas, é impossível pensar em uma língua pura.



A seguir, discorreremos sobre os modos de operação da ideologia, a partir de Thompson (2011), para compreendermos como ocorrem as relações de poder.

IDEOLOGIA

A palavra “ideologia” foi usada primeiramente pelo filósofo francês Destutt de Tracy, em 1796, para descrever seu projeto de uma nova ciência que estaria interessada na análise sistemática de ideias e sensações. Nessa perspectiva, a ideologia seria a “primeira ciência”, pois todo o conhecimento científico envolveria a combinação de ideias, já que ela “possibilitaria a compreensão da natureza humana e a reestruturação da ordem social e política de acordo com as necessidades e aspirações dos seres humanos” (Thompson, 2011, p. 15).

Posteriormente, o conceito de ideologia foi se alterando e, com Marx, adquiriu um novo *status* como instrumental crítico e como componente essencial de um novo sistema teórico. Thompson (2011) associa-se às concepções críticas, porém procura elaborar um sentido aplicável à análise do uso das formas simbólicas, trazendo o significado de ideologia como voltado à dominação.

Assim, para Thompson (2011), ideologia é um conjunto de ideias, crenças e valores que servem para sustentar e legitimar as relações de poder em uma sociedade. Em seu livro, ele argumenta que a ideologia tem a função de mascarar, esconder ou distorcer as reais condições de dominação, fazendo com que essas relações de poder parecessem naturais ou, de certa forma, até inevitáveis. Sob esse viés, na busca pela compreensão das formas simbólicas, que se manifestam através de ações, falas, imagens e textos produzidos, e



a sua sustentação realizada nas relações de poder em um contexto sócio-histórico, aplicaremos às operações ideológicas propostas por Thompson (2011), visto que a ideologia desempenha um papel crucial na manutenção das estruturas sociais e políticas.

Dessa forma, a ideologia pode operar segundo os cinco modos gerais, que são algumas estratégias típicas de construção simbólica: *legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação*. Esses modos podem ocorrer concomitantemente e não são as únicas maneiras de como a ideologia se opera. Além disso, nenhuma dessas estratégias é unicamente ideológica, pois depende do fato de essas estarem estabelecendo ou debilitando relações de dominação.

Alegitimação se dá quando relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem apresentadas como legítimas. As afirmações de legitimação podem estar baseadas em fundamentos racionais (que fazem apelo à legalidade de regras dadas), fundamentos tradicionais (que fazem apelo à sacralidade de tradições imemoriais) e fundamentos carismáticos (que fazem apelo ao caráter excepcional de uma pessoa individual que exerça autoridade) (Weber, 1978, cap.3 *apud* Thompson, 2011, p. 82). Uma estratégia típica é a racionalização, através da qual o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender ou justificar um conjunto de relações ou instituições sociais e, com isso, persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio. Outra estratégia é a universalização, que é quando acordos institucionais, que servem aos interesses de alguns indivíduos, são apresentados como servindo aos interesses de todos. Além dessas estratégias, existe a narrativização, que, através de histórias, conta o passado e trata o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável.



O segundo modo de operação é a *dissimulação*, que é quando as relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou por serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes. Uma das estratégias desse modo é o deslocamento, que ocorre quando um termo bastante usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a outro, transferindo, dessa maneira, as conotações positivas ou negativas para aquele termo. Outra estratégia é a eufemização, que acontece quando ações, instituições ou relações sociais são descritas de modo a despertar uma valoração positiva. Distinta estratégia é o tropo: uso figurativo da linguagem, ou mais geral, das formas simbólicas. Entre as formas mais comuns de tropo, estão sinédoque⁷, metáfora⁸ e metonímia⁹.

O terceiro modo de operação da ideologia é a *unificação*, que se dá numa identidade coletiva. Isso ocorre quando há a construção de uma identidade comum ou de um sentimento de solidariedade que unifica um grupo social em torno de uma ideologia. Ele pode ajudar a criar uma sensação de coesão entre diferentes grupos sociais, disfarçando conflitos internos e diferenças. Uma das estratégias típicas é a padronização, que é

⁷ Sinédoque: tipo especial de metonímia com base na relação quantitativa entre o significado original da palavra e o conteúdo; o caso mais comum é: parte pelo todo: *braços para a lavoura por homens, trabalhadores*.

⁸ Metáfora: designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança, a título de exemplo: ele tem uma *vontade de ferro*, para designar uma *vontade forte*, como o ferro.

⁹ Metonímia: uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação com relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado, uma das que mais ocorre é: autor por obra: *adora Portinari* por *adora a obra de Portinari*.



quando formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica. Mais uma estratégia é a simbolização da unidade, que envolve a construção de símbolos de identidade e identificação coletivas, difundidas através de um ou mais grupo.

O quarto modo é a *fragmentação*, que se dá com a segmentação de grupos, ou com a direção de forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projeto como mau, perigoso ou ameaçador. Isso é feito ao incentivar o antagonismo ou ao alertar para as diferenças entre grupos subordinados, prevenindo então a formação de resistências coletivas. Uma estratégia típica é a diferenciação: ênfase dada às distinções entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou a um participante efetivo no exercício do poder. O expurgo do outro é uma estratégia adicional, que é a construção de um inimigo o qual os indivíduos são chamados a resistir ou a livrar-se dele.

E o quinto modo de operação da ideologia é a *reificação*, envolvendo a eliminação ou a ofuscação do caráter sócio-histórico dos fenômenos. A naturalização é uma estratégia, que é quando um estado de coisas, criação social e histórica pode ser tratada como um acontecimento natural. Outra estratégia é a eternalização: fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes. Além dessas estratégias, há a nominalização (sentenças são transformadas em nomes) e a passivização (verbos são colocados na voz passiva), concentrando a atenção do ouvinte/leitor em certos temas, com prejuízos de outros.



MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA NOS DISCURSOS CONTRA O SOTAQUE DA JULIETTE

A nossa pesquisa trata de um estudo de natureza qualitativa, pois acreditamos que essa abordagem metodológica justifica o nosso propósito na investigação de um fenômeno real, buscando descrevê-lo e compreendê-lo. A partir de uma pesquisa qualitativa, segundo Magalhães, Martins e Resende (2017), é possível examinar uma grande variedade de aspectos do processo social, a forma como vão se articulando os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem. Também é conhecida por seu enfoque interpretativista. De acordo com Gil (2021, p. 63), “no enfoque interpretativista, o mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo a perspectiva daqueles que vivenciam [...]”. Isso requer analisar o objeto de pesquisa como uma construção social.

Quando articulamos o processo de criação e a maneira que a realidade se constitui, percebemos que a linguagem tem uma relevante função na representação das práticas sociais. Dessa forma, adotamos como metodologia a análise dos modos de operação da ideologia de Thompson (2011), que se manifesta em estratégias de construções simbólicas, assim, contribuindo para a análise do *corpus*.

Os programas de *reality show* nasceram na televisão pública europeia, na década de 70, sendo exibidos principalmente em países como Itália, Alemanha e Inglaterra. Com a desregulamentação da televisão e o surgimento dos canais privados em 1990, o gênero teve seguimento. Parente (2023) abordou, em uma matéria do jornal *O Povo*, como surgiu o *reality* mais popular do Brasil. O programa televisivo *Big Brother*, de onde foi retirado o nosso *corpus*, teve sua origem em 1999 na Holanda, idealizado pelo produtor



de TV John de Mol, e foi expandido para vinte sete países, através da empresa Endemol, que já produziu centenas de programas pelo mundo. Em “1984”¹⁰, do escritor inglês George Orwell, a expressão *Big Brother* (em português, Grande Irmão) foi destacada por ele para representar a sociedade distópica em que um líder autoritário, chamado de Grande Irmão, vigia e manipula a população. Por conseguinte, a ideia do programa é vigiar os participantes que estão confinados na mesma casa durante 24 horas, por meio de câmeras presentes em todos os espaços do ambiente.

À vista disso, os participantes são submetidos a provas de resistência física e psicológica, precisam dividir espaços de intimidade com pessoas que não conhecem, têm a sua alimentação limitada e perdem a noção do tempo, pois estão sem calendário e relógio para orientação. Tudo isso gera um ambiente propício para o estresse, em que o estado primitivo de raiva e o descontrole dos participantes afloram com facilidade, evidenciando a violência que existe dentro desse *reality*.

No Brasil, o programa teve sua estreia em 2002 e foi um verdadeiro sucesso, tendo sua segunda edição ainda no mesmo ano, levando-nos a refletir sobre a espetacularização da vida, que é característica do *reality*. Até a décima nona edição, eram reunidas na casa pessoas anônimas. Na edição seguinte, famosos começaram a compor o grupo de participantes do BBB, dividindo a casa em “pipocas”, aqueles que são desconhecidos do público, e “camarote”, o grupo formado pelas celebridades. Consoante Petrovichi (2010), o programa naturaliza, por meio das provas e dos jogos, as relações de força e poder entre os participantes. Através da análise dos discursos

¹⁰ O livro *1984* é um romance distópico de autoria do escritor britânico George Orwell e publicado em 1949.



estabelecidos e a classificação de acordo com os modos de como a ideologia se manifesta (Thompson, 2011), podemos observar, nos meios sociais, como essa prática discursiva está a serviço da dominação.

Portanto, com relação à coleta de dados, resolvemos analisar dois diálogos, transcritos por um *site* de entretenimento, que demonstra como alguns participantes da 21ª edição do *reality show*, denominado Big Brother na sua versão brasileira, reportavam-se em relação ao sotaque de uma participante da Paraíba. Os dois diálogos são de uma participante que fala sobre o sotaque e o comportamento de Juliette Freire, relacionando suas atitudes à sua origem do Nordeste, ridicularizando-a. O critério de escolha dos dois diálogos aconteceu de acordo com a ampla divulgação e repercussão do assunto nas redes sociais, e são discursos que ocorreram durante a exibição do programa.

Observemos a fala da participante Karol Conká, no *site* IG Gente, a respeito de Juliette e de seu estado, Paraíba:

Lá, na terra dessa pessoa, é normal falar assim. Eu sou de Curitiba que é uma cidade muito reservadinha. Por mais que eu seja artista e rode o mundo, tenho os meus costumes, eu tenho muita educação para falar, não falo pegando nas pessoas. (para. 2 e 3)

Esse discurso fere o sotaque, a origem, a história de vida de Juliette através das palavras usadas por Karol Conká. A partir de uma ideologia de matriz xenofóbica, são explanados julgamentos que reforçam estereótipos e preconceitos e que fazem referência ao ódio e à repulsa ao outro.

Podemos perceber, pela fala da participante do BBB 21, vários modos de operação da ideologia (Thompson, 2011). A *legitimação*, primeiro modo, está presente em fundamentos tradicionais, já que a prática social do discurso



preconceituoso aparece para promover a exclusão (“Eu sou de Curitiba...”), legitimando, dessa forma, a ideologia dominante, que está num discurso hegemônico e em circulação no senso comum, a fim de desqualificar a região Nordeste em detrimento das regiões Sul e Sudeste. A racionalização, que é uma estratégia típica desse modo de operação ideológica, ocorre para defender os comportamentos que Karol Conká, com sua persuasão, tem com Juliette. Há uma cadeia de raciocínio para justificar um conjunto de relações, que buscam a aprovação de que o que está sendo dito é digno de apoio, conforme conceito desenvolvido pelo autor (Thompson, 2011, p.82). A universalização ocorre como propagação da ideologia xenofóbica, quando, no discurso, fica claro que “ter educação” é ser como ela é. “Através desta estratégia, acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos, [...]”. (Thompson, 2011, p. 83). E a narrativização se dá quando ela fala de seu passado, sua origem, para tratar do presente como uma tradição ininterrupta, enfatizando que sua história é legítima.

O segundo modo de operação de ideologia, segundo Thompson (2011), a *dissimulação*, não foi identificado. A *unificação*, terceiro modo de operação da ideologia, ocorre através da estratégia típica da simbolização da unidade, pois, quando a *rapper* fala de onde é, o símbolo “Curitiba” aparece com a leitura de que as pessoas que nasceram nesse local têm mais educação, já que faz parte do Sul brasileiro, que teve seu crescimento fortalecido no final do século XIX com a entrada de imigrantes europeus. A unidade interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças, segundo Thompson (2011, p. 86-87). Ela utiliza a estratégia de padronização, como um referencial, para dar um fundamento partilhado e aceitável por todos. Outra estratégia é a simbolização da unidade, através da construção



de símbolos de identidade difundidos através de grupos preconceituosos, podendo servir para estabelecer e sustentar relações de dominação.

A *fragmentação* é o quarto modo, que aparece com forças de oposição em direção ao mau, ao ameaçador, trazendo a ideia de segmentação. Conforme Thompson (2011, p. 87), a não unificação transforma os indivíduos num desafio real ao grupo dominante. Quando Karol discursa sobre “falar pegando nas pessoas”, ela mostra o perigo que a outra pessoa representa. Uma estratégia lançada é a diferenciação através dos termos “dessa pessoa” (Juliette) e “eu” (Karol), este último citado várias vezes para enfatizar a distinção entre ambas. O uso da classificação das características demonstra que não é possível a união, e assim as diferenças se constituem como um desafio efetivo para as relações existentes. Outra estratégia é o expurgo do outro, com a construção da inimiga do BBB 21 (a que não tem costumes e educação, a que encosta no outro sem sua permissão, a que não reside em uma cidade reservada). O indivíduo é retratado como uma ameaça e que todos precisam se unir contra esse perigo.

E o quinto modo de operação da ideologia é a *reificação*, ofuscando a existência de Juliette, por meio da estratégia de naturalização, através da expressão “Lá na terra”, já que o símbolo criado “nordestino” (o que é de lá – Nordeste – e não de cá – Sul/Sudeste) passa a ser tratado como algo natural. Conforme o conceito explicitado por Thompson (2011, pp. 87-88), a ideia de naturalização aborda o estado das coisas como um resultado inevitável por suas características naturais, por isso precisa ser eliminada, diante de uma situação que é permanente (no caso a sua origem nordestina). A eternalização também ocorre, pois o fenômeno em si é tratado como algo imutável. Com essa visão, a pessoa sempre apresentará as características advindas do meio em que ela nasceu/viveu.



Quadro 1 - Síntese dos modos de operação da ideologia

Modo de operação	Corpus
Legitimação	“Eu sou de Curitiba”
Dissimulação	não identificado
Unificação	“Curitiba”
Fragmentação	“dessa pessoa” e “eu”
Reificação	“Lá na terra”

Fonte: elaboração própria.

Observemos agora outro discurso de Karol Conká, retirado do *site* IG Gente, sobre o sotaque de Juliette: “Eu tenho pavor de gente egoísta, sem educação... Gente elegante, sufocante, delirante (destacando a realização da oclusiva alveolar diante de “e” em ataque silábico: [t]) ... Eu tenho vontade de fazer assim: que que é, ô bosta?” (para. 2).

Esse discurso, assim como o anterior analisado, é repleto de xenofobia. Percebemos, pela fala de Karol Conká, vários modos de operação da ideologia (Thompson, 2011). O primeiro modo, *legitimação*, ocorre com base em afirmações que circulam pela sociedade, estabelecendo e sustentando relações de poder. No trecho em análise (“... gente egoísta, sem educação...”), há a legitimação da ideologia dominante, que está num discurso hegemônico e em circulação no senso comum, para inferiorizar a população da região Nordeste e dizer que os habitantes das regiões Sul e Sudeste são os mais educados, os melhores. A racionalização, que é uma estratégia típica desse modo de operação ideológica, caracterizada pela fundamentação racional, ocorre para defender o comportamento prepotente de Karol Conká,



convencida de que detém o absoluto poder com Juliette. A universalização, baseada na apresentação de interesses particulares como gerais, ocorre em seu discurso marcadamente ideologizado.

A *dissimulação* é o segundo modo de operação de ideologia, segundo Thompson (2011), que estrutura a relação de dominação através de negação, ofuscação e por meio de tropo, porém essa não foi identificada. A *unificação*, terceiro modo de operação da ideologia, diz respeito a uma construção simbólica relacionada a unificar as relações de poder, ocorrendo através da estratégia típica da simbolização da unidade, pois, quando a *rapper* usa duas vezes o símbolo “gente”, temos a leitura de que as pessoas que nasceram no Nordeste são inferiores às que nasceram na região dela. Conká utiliza a estratégia de padronização, que se dá como uma identificação coletiva preconceituosa.

O quarto modo é a *fragmentação*, que consiste na segmentação de indivíduos e grupos, que configuram em perigo para manutenção do poder. Quando Conká fala “Gente elegante, sufocante, delirante (destacando a realização da oclusiva alveolar diante de “e” em ataque silábico: [t])”, ela mostra o seu preconceito linguístico.

Sobre o falar paraibano, segundo Hora (1996), em estudo de natureza sociolinguística sobre a comunidade de João Pessoa, da qual Juliette faz parte, apenas 7% das pessoas analisadas aplicam a regra da palatalização. Verificou-se que a variável gênero tem sua importância, pois as mulheres utilizam menos as variantes palatalizadas (inclusive num contexto de prestígio, o que se explicaria pelo fato de essa pronúncia não corresponder à norma regional). Já sobre o falar curitibano, da qual Karol Conká faz parte, foi verificado que 94% das pessoas aplicam a regra da palatalização das oclusivas alveolares [t] → [tʃ] (Carvalho, 1998, *apud* Callou e Brandão, 2006).



Uma estratégia lançada nesse modo foi a diferenciação, através da pronúncia da oclusiva alveolar desvozeada [t] ao invés da africada alveolopalatal desvozeada [tʃ] (com a tentativa de imitar a pronúncia de Juliette), para engrandecer a diferenciação entre a paraibana e a curitibana. Outra estratégia é o expurgo do outro, construindo Juliette como inimiga no BBB 21 (a que não fala “certo”, não tem a fala de prestígio).

E a *reificação* é o quinto modo de operação da ideologia, apagando a existência de Juliette, por meio da estratégia de naturalização, através da expressão “ô bosta”, já que o símbolo criado “nordestino” (tratado com menosprezo e com uma visão estereotipada) passa a ser tratado como algo natural. A eternalização também ocorre, pois o fenômeno em si é tratado como algo imutável. Com essa visão, a pessoa sempre apresentará as características advindas do meio em que ela nasceu/viveu, ou seja, será a “sem educação, uma gente que não é nem gente, que fala “errado””.

Quadro 2 - Síntese dos modos de operação da ideologia

Modo de operação	Corpus
Legitimação	“... gente egoísta, sem educação...”
Dissimulação	Não identificado
Unificação	“gente”
Fragmentação	Gente elegante, sufocante, delirante (destacando a realização da oclusiva dental diante de “e”: [t])
Reificação	“ô bosta”

Fonte: elaboração própria.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, analisamos os discursos intolerantes da participante do BBB 21, Karol Conká, realizados contra a, também participante, Juliette Freire. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, oferecemos um breve panorama do *reality show* e de Juliette. Além disso, discorremos sobre como se estabelecem os discursos de ódio e o preconceito linguístico em relação ao sotaque paraibano, principalmente nas mídias sociais.

Com a finalidade de discutirmos sobre ideologia e poder, buscamos embasamento teórico em Thompson (2011), para contribuir com a análise de dados no *corpus* deste trabalho. E, assim, pudemos constatar como a sua proposta é potente na identificação das práticas discursivas que refletem a ideologia xenofóbica. A ideologia veio se apresentando em modos e estratégias, revelando o que estava oculto, levando-nos a perceber que, se há um discurso xenofóbico, também, há um discurso de ódio.

Acreditamos que há uma necessidade de reflexão em relação à língua portuguesa brasileira, pois não há o “certo” e o “errado”, segundo os estudos sociolinguísticos. Pedimos uma atenção especial principalmente com os falares do Nordeste, que são estigmatizados devido à pronúncia da oclusiva alveolar desvozeada [t] ao invés da africada alveolopalatal desvozeada [tʃ], que é comum no Sul, local de onde é a participante com discurso xenofóbico. Sabendo que há muitos “Brasis” neste país, por isso temos que respeitar as diversas culturas e línguas que aqui existem.

Como se pôde depreender da análise apresentada, a ideologia hegemônica preconceituosa está presente nos discursos, apresenta-se como legítima, traz uma identidade coletiva, segmenta os grupos e elimina o diferente. Logo, através da Análise de Discurso Crítica (ADC), pudemos compreender como



ocorrem os processos de manutenção e de abuso do poder, percebendo, dessa forma, as relações assimétricas de poder que estão instaladas na sociedade, não apenas na casa mais vigiada do Brasil.

Desse modo, neste trabalho, buscamos descrever como se estabelece a relação entre o discurso de ódio e o preconceito linguístico através de dois discursos discriminatórios de Karol Conká em relação à Juliette Freire. Por conseguinte, concluímos que o preconceito linguístico está intimamente ligado ao preconceito social, fazendo com que o ódio e a hostilidade fossem manifestados devido aos estereótipos e ao etnocentrismo que a participante carrega consigo e que devem ser combatidos pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., D. M. de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

ARAÚJO, J.; FREITAS, M. R. O. de (2022). O Projeto de Lei 5595 e o discurso de ódio: a desconstrução da carreira docente no contexto pandêmico. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 37(4). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/g39y8VbSqhDCGNxTw6bQqzP/?lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2023.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2000.



CALLOU, D.; BRANDÃO, S. O processo de palatalização no português do Brasil. **Linguística**, v. 18, p. 57-73, 2006.

FREITAS, S. S. Uma análise bakhtiniana sobre o discurso de ódio contra nordestinos em postagens nas redes sociais após o primeiro turno das Eleições 2022. **Revista Linguagem em Foco**, Vol. 14, No. 2, p. 149–162, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9350>. Acesso em: 25 maio 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2021.

HORA, D. da. **Comportamento das oclusivas dentais /t/ e /d/ na comunidade pessoense**. [Apresentação de trabalho]. *11º Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa, Paraíba, 1996.

IG GENTE. Após satirizar o sotaque de Juliette, Karol Conká volta a ser acusada de xenofobia. **IG Gente**. 2021. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/tvenovela/2021-01-31/apos-satirizar-sotaque-de-juliette-karol-conka-volta-a-ser-acusada-de-xenofobia.html>. Acesso em: 17 jun. 2023.

LABOV, W. **Language in the inner city: Studies in the Black English vernacular**. University of Pennsylvania Press, 1972.

MAGALHÃES, I. *et al.* **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Editora da Universidade de Brasília, 2017.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PARENTE, C. BBB: como surgiu o reality mais popular do Brasil? Veja história. **O Povo**. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/divirtase/bbb/2023/01/16/bbb-como-surgiu-o-reality-mais-popular-do-brasil-veja-historia.html>, 2023. Acesso em: 07 jun. 2023.



PETROVICH, G. H. B. **Visibilidade espetacular e relações de poder no reality show – BBB 9**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN. 2010.

RIBEIRO, M. C. P. **Discursos de ódio em comentários sobre postagens de celebridades femininas brasileiras no TikTok: Reflexões para uma Educação Linguística e Digital Crítica**. 165f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, GO. 2023.

SANTOS, J. M. dos. **Nordestino é... análises das discursivizações sobre os nordestinos nas redes sociais digitais**. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. Repositório Institucional Ufal. 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8504>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, R. L. da *et al.* Discurso de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. **Revista direito GV**, Vol. 7, No. 2, p. 445-467, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/QTnjBBhqY3r9m3Q4SqRnRwM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2023.

TAMANINI, P. A.; SILVA, E. D. R. da. O Nordeste, as imagens e o ensino: o real e o imaginário na iconografia da seca. **Revista Linhas**, Vol. 20, No. 43, p. 317 – 337, maio/ago. 2019.

THOMAZELLI, V. M. **Sotaque da Juliette: análise crítica do discurso dos comentários virtuais/TCC**. (Graduação) Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, Licenciatura em Letras Português. Repositório Institucional Instituto Federal do Espírito Santos. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/2948>. Acesso em: 27 jun. 2023.



THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** 9a São Paulo: Editora Vozes. 2011.

Data de recebimento: 23/04/2024

Data de aprovação: 24/10/2024

